

TERROR

'É mais do que barril de pólvora', diz especialista

Para estudiosos, crime organizado age contra endurecimento no regime disciplinar e população deve ser alertada

Mariza Louven

• A população ainda deverá continuar pagando a conta da queda-de-braço entre o crime organizado e a administração do sistema penitenciário de São Paulo, dizem especialistas. A nova onda de violência no estado é vista por eles como reação dos grupos organizados ao endurecimento na adoção de medidas disciplinares. E pode voltar a acontecer se não forem identificados e separados os que buscam chefiar a facção criminosa e a massa carcerária. Eles devem ser concentrados em presídios de segurança máxima e receber tratamento diferenciado, dizem. Combate à corrupção, ao uso de celulares e à entrada de drogas nos presídios também são recomendados.

— Não existe mágica nem se pode camuflar o problema. Há certa perda de controle da situação. Nem todos os 140 presídios de São Paulo são dominados pelo crime, mas em cada um deles há gente querendo dominar — diz o professor de direito da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Oscar Vieira.

Apoio federal pode ser mais lenha na fogueira

Segundo Vargas, o governo não pode negociar nem aceitar o domínio do crime, mas tem que alertar a sociedade sobre a possibilidade de novas ondas de violência. Para ele, o uso da Força Nacional de Segurança Pública, oferecido pelo governo federal, seria pôr mais lenha na fogueira eleitoral. Isso porque o governo federal vem se abstendo de colaborar mais profundamente com instrumentos como o Fundo Nacional de Segurança Pública, a construção de presídios e a reforma da polícia.

Helder Ferreira, pesquisador do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), também acha que é preciso buscar um regime diferenciado para infratores de alta periculosidade, mesmo que isso leve a novas retaliações. São Paulo conseguiu avanços, como retirar das delegacias pessoas condenadas, mas ainda tem presídios em péssimas condições.

— Não adianta só prender e separar os criminosos, porque o crime está tão organizado que pode aliciar outros integrantes — acrescenta Ferreira, que defende a adoção de políticas para o fortalecimento das comunidades de baixa renda, com foco nos problemas da adolescência e juventude. Além do trabalho de inteligência para buscar informações sobre os chefes das facções e antecipar suas ações, Ferreira aponta ainda a necessidade de criar programas para garantir a segurança de agentes penitenciários, policiais e suas famílias.

— O sistema penitenciário de São Paulo virou um monstro inadministrável — diz Julieta Lemgruber, diretora do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania da Universidade Cândido Mendes.

Segundo ela, o rápido aumento da população de presos do estado, num curto espaço de tempo (menos de dez anos) desequilibrou o sistema. Hoje, São Paulo tem 44% dos cerca de 360 mil presos do país.

— É uma massa de pobres que cometeram crimes sem gravidade e que pode virar massa de manobra dos grandes criminosos — diz ela.

Houve um grande investimento na construção de novos presídios, mas não na assistência médica e jurídica, que são precárias, nem na redução da violência por parte dos agentes penitenciários, acrescenta ela. Falta ainda combater a ociosidade. Menos de 20% dos presidiários trabalham ou estudam:

— Tem aí mais do que um barril de pólvora. É nitroglicerina pura. ■

POLÊMICA do dia

Você acha que São Paulo
deveria aceitar
a ajuda da Força Nacional de
Segurança Pública?

Sim, pois devido aos ataques dos marginais a população que paga impostos está se sentindo ameaçada e merece receber do governo mais segurança.

— CLÉLIA RODRIGUES GOMES

Não, o presidente Lula está aproveitando a situação para fins políticos. Acho que está faltando pulso firme do governador.

— SILAS ALVES

Sim, acho que a recusa deve-se a razões eleitoreiras. A população precisa da ajuda do governo federal. Recusá-la é colocar-se contra os interesses da população.

— ERIC MEES

Essa ajuda é meramente política. As forças de segurança de São Paulo são as melhores do país. Por que Lula, em vez de mandar a força de segurança, não aumenta as verbas na área de segurança pública?

— ALEKSANDRO MOREIRA

É óbvio que deve! A situação da segurança em São Paulo é o resultado do choque de gestão que Alckmin deu lá.

— GLAUBER RIBEIRO DE QUEIROZ

Sim, o governador de São Paulo deve deixar a política de lado e aceitar a ajuda.

— SAVIO RONALDO PAIVA CHAGAS

Certamente, a população está em risco e até agora os governos estadual e municipal não foram capazes de resolver o problema. Não é hora de pensar em política. Aliás, este é o maior problema do Brasil, principalmente em época de eleição. Quem governa não pode ter partido.

— SONIA VENANCIO ALMEIDA NUNES

Sim. O governador não aceita ajuda porque, com certeza, sua família não corre risco. Não são os filhos dele que estão sendo mortos, assaltados, aterrorizados.

Eles estão protegidos no palácio.
— SELMA LUCIA CABRAL DE OLIVEIRA

Qualquer ajuda neste momento deve ser aceita. O que não pode é a população ser encurralada por um bando de facínoras. Temos que nos unir e pressionar o Congresso, o Senado, a OAB e outras associações para que haja urgentemente uma modificação no Código Penal.

— JOSÉ CARLOS FERREIRA

Com certeza, o Estado já perdeu o controle sobre o crime organizado há muito. O crime está organizado, o Estado não.

— ROBINSON VATAM

Sim. A atuação da polícia de São Paulo está concentrada na autodefesa e retaliação. O trabalho de inteligência, além de ficar em segundo plano, é ineficiente. A ajuda federal, se for de qualidade, se concentrará na área de inteligência, e não apenas em São Paulo, e tornará disponíveis efetivos de elite trazidos de várias forças policiais do país.

— MARCO ANTONIO N. PEREIRA

Sim, deve aceitar. É justo o governo federal ajudar os estados principalmente neste momento difícil que São Paulo atravessa na segurança. Infelizmente a população está pagando o preço da ignorância política do governo do estado e de seus assessores.

— MARTINHO JORGE SOUZA DA SILVA

► NO GLOBO ONLINE:

Leia mais respostas de leitores

www.oglobo.com.br/online/sp

SP: déficit de 32 mil vagas nas cadeias

• Um relatório da Comissão de Direitos Humanos da Câmara, que radiografou as condições das prisões de 11 estados do país, mostra a superlotação das cadeias de São Paulo. Embora 125.804 pessoas estejam detidas em presídios do estado, são oferecidas, oficialmente, apenas 92.865 vagas, um déficit de 32.939 vagas. A recente onda de violência no estado é citada no texto, entregue ao Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária.

Pesquisa do professor Marcelo Néri, da FGV, mostra que um homem, entre 20 e 29 anos, solteiro, com baixa escolaridade, imigrante, negro ou pardo, tem 2,04% de risco de estar num presídio de São Paulo. Se a pessoa for mulher, o risco é de 0,3%.